

Mistérios de Lisboa*, Camilo Castelo Branco*Nota introdutória**

Nos *Mistérios de Lisboa* (1854) define-se irrevogavelmente a área de unidade da novela camiliana, numa dimensão ecuménica à escala do mundo físico, que jamais perderá. Com efeito, as personagens arrastam-se pelas sete partidas: França, Bélgica, Inglaterra, África, Japão, Brasil e, naturalmente, Portugal – concretamente, a região nortenha (Minho e Trás-os-Montes), onde o escritor viveu na juventude e praticamente passava a existência.

[...]

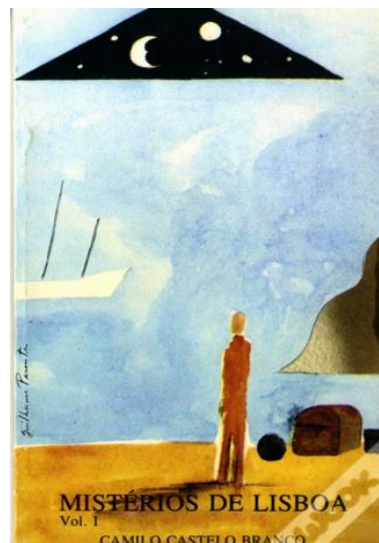
Nos *Mistérios de Lisboa*, faz-se sentir a força transcendental de um poder inconcebível fora da área romanesca – uma constante na novelística camiliana -, encarnada num eclesiástico, que começa por ser um grande pecador: o padre Dinis, assinalado como “o instrumento cego de Deus”.

[...]

É neste espaço fabuloso que as personagens camilianas passarão a actuar de maneira mais individualizada e em limites mais restritos, como se verá.

[...]

Alexandre Cabral



Era meia-noite. O padre Dinis saiu e dirigiu-se para a Rua dos Romulares, onde morava Alberto de Magalhães.

Nas cavaliças havia luz. Bateu, e o guarda-portão que àquela hora não abria a porta sem licença do patrão. O padre instou pois que lhe ouvisse uma pergunta sem abrir a porta. Informou-se do ferimento de Alberto. Respondeu o criado que os médicos disseram que não havia perigo. O padre pediu que lhe recebesse uma carta para entregar ao dono da casa. Tomaram-lha por debaixo da porta.

No momento em que o padre se retirava, aproximavam-se da porta dois vultos, que pararam. O padre escondeu-se no escuro de uma esquina próxima. Viu que um toque de convenção fizera abrir a porta. Os vultos entraram com precipitação, e o padre, receoso dalgum salto traiçoeiro, coseu-se com a parede do palacete, para escutar. No limiar da porta tocou com o pé num objecto, que tiniu. Levantou-o, viu que era uma pulseira.

Quando recolheu ao seu quarto, reinava profundo silêncio. Minha mãe adormecera encostada ao meu ombro. Eu tinha adormecido sobre um canapé, chegado ao leito de minha mãe. D. Antónia, que eu deixei

P

ajoelhada no oratório, seria a única que ouviu os passos cautelosos do padre. Se os ouviu, agradeceu ao Senhor encaminhá-los ao seu quarto, onde, depois da meia-noite, até às três horas, D. Antónia muitas vezes escutou o frémito da pena sobre o papel.

Padre Dinis, sentado na escrivaninha, reparou na pulseira, demorou-se a decifrar os caracteres duma legenda na face interior, abriu o *Livro Negro* e escreveu algumas páginas com a seguinte epígrafe, que parece ser do autor:

30 de Agosto de 1832

E as filhas dos grandes , pela calada da noite, patinhavam no tremedal das torpezas, e deixavam após si o seu nome escrito em lâminas de ouro, cravejadas de brilhantes, para que as somenos em jerarquia se animassem a trilhar a senda da corrupção opulenta.

Castelo Branco, Camilo (1981). *Mistérios de Lisboa – Vol. I*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 189-190 [Seleção de Teresa Vieira da Cunha]

Álvaro do Carvalho, *Os canibais*¹

Agora, que a minha autoridade de verdadeiro contra-regra de teatrinho aldeão chamou convenientemente a postos os esquisitos personagens, que hão-de figurar no presente capítulo, voltemos ao ponto em que deixei os suspirosos noivos na crítica posição de todos os noivos.

Avalia-se, não se descreve, o alvoroço de Margarida em face de baralhadas suspeitas, mais e mais condensadas pelas fatais palavras do visconde.

Que horrível linguagem era aquela, com que a acolhia o esposo, no momento em que toda se absorvia na morbidez de um requintado affecto?

Se acordasse dum sonhado paraíso, entre as ensanguentadas mãos de enraivecido carrasco, que a arrasasse sem dó pelos ignominiosos degraus de um patíbulo, por certo não sentira a donzela mais pavorosa surpresa.

Para quê negros pensamentos, pensamentos de morte, quando ela, esquecida, como nunca, da fragilidade da matéria, se arroubava ditosa no antegosto de incógnitos prazeres?

Voavam-lhe nos alquebrados membros repetidos calafrios de susto. Como magnetizada prendera atónitos os olhos no visconde, e, então, naquela frieza de estátua, embalde procurava o atractivo, que a tinha cativado.

Não sei o que lhe viu nas mudadas feições. É certo porém que, apavorada, longe de se avizinhar, como ainda há pouco, se afastou oprimida de supersticiosos terrores.

— Foges-me, Margarida! diz ele com dolorido acento. Amarguras-te de me ver a teu lado! Devia ser assim. Como eu te quero, não o sabes tu. Não sabes como o moribundo ama o último dia da existência que lhe foge.

— Ama-me! Não me dizem o contrário tuas palavras, teu hálito gelado, a gelada atmosfera que te circunda? Eu mesma sinto-me repassada de frio, e de...

— E de medo.

— E de medo, sim; e de medo, que não sei explicar.

— Quebrou-se bem depressa o encantado prisma, que me mostrava a teus olhos sem os traços carregados, que a desgraça sulca na fronte de seus escolhidos. E todavia ainda não se rasgou o espesso véu, que me salva do escárnio, do teu escárnio.

— Henrique, Henrique! Sinto que se dá entre nós alguma coisa de muito extraordinário. Perde-se-me a cabeça em mil estranhas conjecturas. Encontro-te na imobilidade do cadáver. Diz-me quem és, quem tu és, Henrique, que eu não sei conhecer-te...

— Nem queiras. Basta saber que sou uma pobre alma, em busca dum corpo, que me abrigue; um coração ardente num peito gelado como a pedra duma vala funérea. Vi-te, débil criatura, através das lágrimas que me empanavam a vista; e, tal qual sou, cuidei que minhas cruciantes penas poderiam encontrar refrigério nas tuas consolações. Aparecias-me com a auréola divinal da mulher superior em volta da tua bela cabeça. Não era muito que te supusesse capaz de lavar, sem repugnância, com os bálsamos do amor, minhas leprosas e sangrentas chagas. É que aos grandes desgraçados nunca deixou de sorrir, na insónia de suas noites, uma imagem de mulher. Ahasverus lá encontra a redenção de seu triste fadário na cândida Raquel. Eu entrevia-a em ti. Julgaste-me tu pelo que parecia, e não decerto pelo que eu era. Venceu-te a aparência, que mais duma vez nivela o vício com a virtude. Amaste-me. Ai que longa série de gozos me veio do teu amor, Margarida! Quis declarar-te tudo. Não pude. Tive medo que se desvanecesse num sopro a minha angélica visão. E só agora reconheço que te sacrifiquei, que te arrastei talvez na minha queda, infeliz!

— Na tua queda!!

— Mas não. Conservo a última esperança. Se a perder, já te mostrei o veneno que escolhi. Deixar-te-ei viúva e virgem, e rica, muito rica. Das multidões, que, famintas, se hão-de atropelar à entrada do teu palácio, podes eleger um esposo que te mereça, que te dê na terra venturas do céu. Não chores, anjo...

¹ Esta edição respeita o Acordo Ortográfico de 1945.

P

— E eu tão inocente, tão descuidada!... Só sabia das minhas queridas ilusões. Como poderia suspeitar que o homem, que me escravizava!... E que fosses, no teu passado, um grande criminoso, Henrique?! As lágrimas, que te regam as faces, não significariam arrependimento e absolvição? Bem sinto que te comoves...

A boca do visconde escancarou-se, como a desmenti-la, numa satânica gargalhada. Margarida tremeu até à mais recôndita fibra.

Neste tempo ouviu-se lá fora um estalido, que tanto poderia provir dum ramo seco quebrado violentamente, como duma pistola armada por oculta mão.

A assustada menina correu à janela. A Lua permanecia serena, prateada, no recurvado firmamento. As aves esmoreciam em trinados nas franças das olorosas selvas. Só se havia erguido certa desinquieta aragem, que balouçava os arvoredos de tal sorte, que a coma lustrosa da magnólia quase roçava na janela.

— Diria que ouvi... murmurou ela. E interrompeu-a nova contracção de terror.

Uma lufada de vento acabava de entrar na câmara, e a lâmpada de alabastro, suspensa de rico velador, crepitando, quase a apagar-se, difundiu fantástico clarão pelo rosto do visconde, que se destacava inerte num fundo avermelhado pela chama sacudida do gigantesco fogão.

— Criminoso, disseste tu, Margarida, exclama o visconde de Aveleda, pesando a palavra que ela proferira. Enganaste-te. Fui sempre honesto e virtuoso. Não, não estou manchado de crimes. Antes estivesse, que traria, quando muito, o meu castigo no fundo impenetrável da consciência. Mas viveria, pois, através do ouro; crimes não os vê a sociedade, e, se os vê, respeita-os.

— Que labirinto!

— Horroroso! Prosseguiu em tom de expansiva ternura. Vou ser franco, é tempo. Vem, Margarida, minha esposa, vem para ao pé de mim. Reveste-te de toda a tua coragem e escuta.

— Fala, fala!

— Lembras-te duma promessa, que me fizeste, transbordando afectos, como agora tremendo de receio, promessa que eu aceitei?

— Se fiz tantas promessas!...

— Muitas, por certo. Filhas de leviana exaltação. Pois bem, entre essas todas, prometeste seguir-me ao cemitério, se lá fosse minha morada...

— Virgem Santa!

— Esqueces? continua com voz cavernosa. Mentiste?... Lábios de anjo não mentem. É teu esposo que te estende os braços...

— Mas quem és, quem serás tu?

— Vem perguntá-lo ao contacto do meu corpo inanimado e frio, como o de um defunto. Receias?

— Oh Henrique!

— Vem.

— Desfaleço. Não posso mais. Tenho medo. Se ao menos fosse isto um sonho!

— Adivinhaste. Isto é um sonho. Podes voltar para casa de teu pai. Eu não sou um homem.

— Pois que és, desgraçado?

— Uma estátua.

Por absurda, que parecesse a resposta, acompanhara-a tão firme acentuação de verdade, que só de si fora bastante a enrodilhar três sábios e um compêndio de lógica, e sobretudo o mais incrédulo e chegado parente de S. Tomé.

Não é pois de estranhar a credulidade de Margarida, que, logo em continente, sem acordar da mal-ajeitada surpresa, viu que as luvas do visconde, pela primeira vez arrancadas, lhe deixavam as mãos a descoberto. O mesmo foi que vergar-lhe sobre os joelhos o corpo alquebrado, e sufocar um grito na garganta. As mãos descarnadas, que a estreitavam, eram feitas de marfim.

— Desmaias? exclama ele na força do desespero. Que é da coragem que me prometias? São todas assim as mulheres. Amante, seguias-me ao cemitério; esposa, horrorizas-te de meus afagos, porque me não encontras

calor nos membros, porque sou uma estátua. E a cabeça, que harmonizou estrofes que te embriagaram, é esta mesma, que agora repeles. E os lábios, que avivaram nos teus ânsias de beijos com segredos, que tu decoravas, para os repetir sonhando, para acordar repetindo-os, são os meus. Eu sou ainda o mesmo, que era, se me derem a perdida esperança do teu amor. Que te falta, mulher? Aqui me tens.

Fez um movimento. Ressoaram estalos como de molas. Horror! Sobre a poltrona caiu um corpo mutilado, disforme, monstruoso. Pernas, braços, os próprios dentes do visconde, brancos como formosos fios de pérolas, tombaram sobre os felpudos tapetes da Turquia, e perderam-se nas dobras de seu *robe de chambre*, que naturalmente se lhe desprende dos ombros.

O infeliz era um fenómeno, um aborto estupendo, que em nossos dias valeria muito dinheiro a quem quisesse especular. Era ele poeta de mais para isso.

A tudo porém dera remédio a civilização de seu tempo. Afortunados tempos!

Margarida sentiu-se como petrificada. Mas, de repente, fulgurou-lhe a loucura nos olhos. Comprimiu com violência o coração, e, veloz como o pensamento, desapareceu por uma janela, desprendendo um grito agudo, dolorido, que se perdeu à distância, ao tempo que, por outra janela, se precipitava no aposento um homem com uma pistola em cada mão. Era D. João.

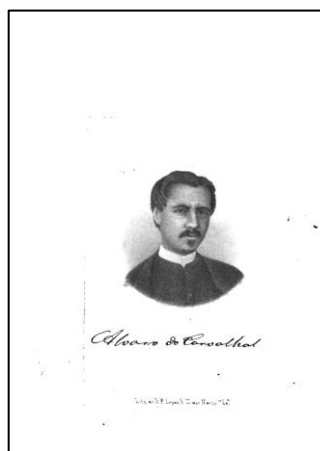
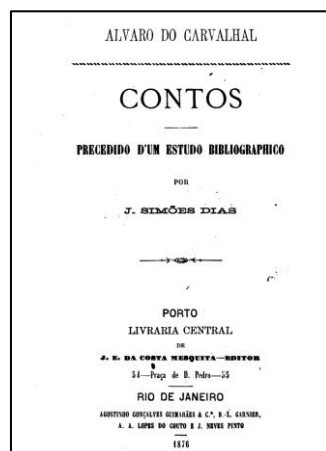
Por seu lado o visconde sopesara a queda de suas sonhadas aspirações. Borbulharam-lhe duas lágrimas dos olhos embaciados, que, desvairado, dirigira para o bufete em que tinha depositado o veneno, última esperança. Impotente porém para o aproximar dos lábios, não hesitou. Numa contorção de agonia extrema atirou-se ao pavimento e rolou sobre as brasas vivas do fogão. Cingiu-o bem depressa uma azulada, ténue, mas crescente labareda, e nem um gemido soltou.

É bem certo que as dores da alma nem deixam perceber as da matéria. Tanto as excedem. Ouço-o dizer aos piegas, que namoram, folgam, comem e engordam.

Nas complicadas cenas, à laia desta, habituaram-se os romancistas ao emprego das sacramentais palavras: tudo foi obra dum segundo.

Eu digo desta vez como eles, mas sem mentir; o que é para ser notado, porque quando D. João, furioso, buscava alguém, que lhe absorvesse as iras, divisou entre ondas de fumo uma informe massa em medonhas contracções. Parou ali. Mas recuou logo repassado de horror.

Volvera-se para ele um rosto coroadado de labaredas. E cravaram-se nos seus uns olhos que, rebentados pela viveza ardente das chamas, se revolviam ainda nas ensanguentadas órbitas.



Álvaro do Carvalho (2014 [1868]). *Os canibais*. [Projecto Adamastor](#) (Ebook), pp 49-53 [Seleção de Luís Filipe Redes].

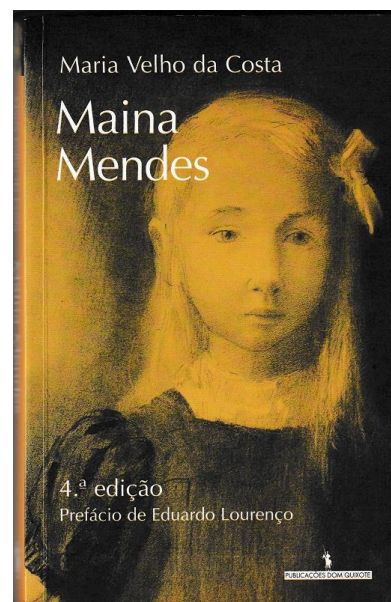
P

Maina Mendes, Maria Velho da Costa

E já a mão em cone mole se estende ao folho de goma esfacelada, já o tafetá do laço será entesado com a demora de um quarto de manhã, já sonogado o paio, já Maina Mendes com futuro acatado. A Hortelinda tolhida, a boca mal cerrada, espera num torpor reles, tristemente, junto ao armário dos restos. Pousa-lhe uma varejeira na mão e ela sacode-a, que o não saiba a patroa.

Maina Mendes, de soslaio, é porém de Hortelinda que espera. Mas Hortelinda é encoberta de alguidares e, tal como a varejeira, com o armário dos restos perto. E então se ergue o braço tenro e curto, e Maina Mendes de olho fixo, morto de qualquer dos hábitos de olhar daquela casa, requebra o punho como o vira fazer ao rapaz da rua, o punho a ir e a vir já junto ao bojo azul pavão da bata da mãe, o punho cravado no resto do paio esgarçado. A mãe, desmesurados os olhos de aterrada, assenta-lhe na bochecha cava a mão pesada pela vez primeira, pesada da incredulidade dos que vão morrer e jamais pensaram nisso, pesada do rigor da morte, não de cólera, que é coisa santa e solta.

E então, ao punho pequeno como nó de látigo, afluem represadas torrentes de ira antiga e é a esmagar o odre azul e mole ali diante, pois dele irrompem com vagar, primeiro as cabeças redondas e logo o corpo adelgacando-se à passagem nos poros da pele e pano, vermes que rápido, como balão soprado, se avolumam para como borregos e ondulam de onde a mãe era a toda a cozinha. Do rebordo da pia, onde a varejeira cresce quieta, tombam ovos verdosos que quebram em bulha de aflição já chorada, ‘filha, ai Jesus, que tens tu’, que explodem em cera quente e sangue viscoso. Todas as paredes estão já cobertas de vermes subindo o azulejo que vai ficando sangrando. A Hortelinda está imersa num antraz translúcido que vai crescendo do chão e segregando pus verde mucoso, e os vermes que estão perto mergulham-lhe patas que são vermes menores e grita muito, ‘Jesus, acudam que a menina está com ralo’, e grita muito a Hortelinda. O odre azul onde ela bate o punho deita-lhe nos ouvidos azeite quente, ‘Jesus que me morre’, azeite quente que lhe passa aos olhos em dor grossa. Na cara, do comichar do corte mínimo do anel da mãe, ‘Jesus, filha, que eu mal te toquei’, saem baratas loiras mas muito moles. Ao ir-lhe ao bibe, sobre o branco bordado se vão tornando aranhas de roxo espesso. Não morrerá, não morrerá, mas a cozinha está podre e ela ali. Não morrerá. Se o corpo lhe é pequeno, irá todo por terra, por sobre o visco e molezas molhadas bater ainda as pernas e esmagá-los de rins, de cabeça e espinha hirta. ‘Segure-a, minha senhora, que se mata’. Como marmeleiro vivo volverá água limpa os vermes sugantes já no peito, as aranhas avançando no atilho e fita de passar, o pus que vagueia para perto, a varejeira que vem de ventre verde raso ao chão. Até num grande uivo último, esse ouvido em si sendo comida ‘nunca mais, nunca mais’, num grande urro último, passar voando para um campo tisonado e sem ninguém onde o céu está de fumo e o cheiro de queimada. Então dorme. ‘Ai minha senhora, que se foi’.



Costa, Maria Velho da (2001). *Maina Mendes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, pp. 34-35. [Seleção de João Pedro Aído]

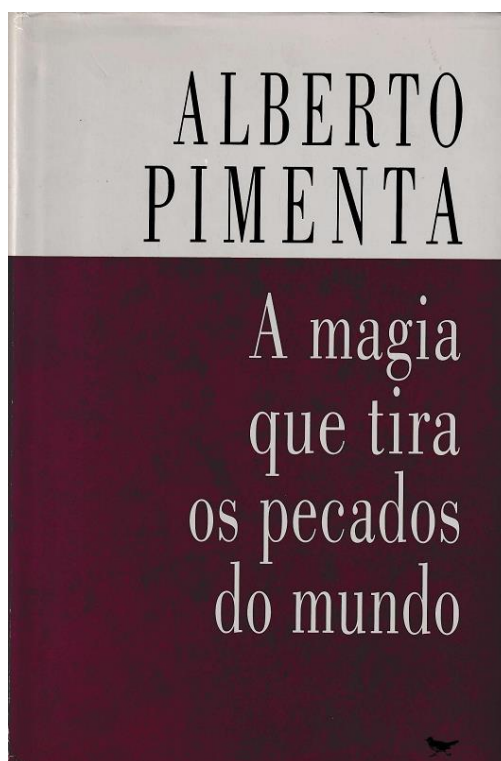
A magia que tira os pecados do mundo, Alberto Pimenta

No entanto, parece-me que as coisas não são tão evidentes no caso da poesia. É que no discurso poético, lembre-se Octavio Paz, o sentido não está no que dizem as palavras, mas no que dizem umas às outras. Quer dizer, o sentido não é tanto semântico como sintático. Por outras palavras ainda: estamos perante um tecido e não perante um fio, perante uma técnica mais que perante uma tática compulsiva. Isto porque o mundo discursivo da poesia em também ele, em si, um mundo de fingimento. Porém outro fingimento.

Que é que distingue substancialmente os poemas do paciente esquizofrénico Alexander, revelados e comentados por Leo Navratil [*Schizophrenie und Sprache*], dos poemas de Georg Trakl? Eu entendo que é naturalmente o mesmo que distingue a necrofilia do necrófilo da necrofilia dos ultrarromânticos, a qual é um fingimento de época e de escola; ou, dito de outra maneira: que é que distingue o discurso do *ego* que se deixou romper pelas suas pulsões, que cedeu apesar do controle exercido pela língua, do discurso da *persona*, construído eventualmente com ecos das próprias pulsões, submetidos porém à capa dum tecido e respetiva técnica?

[...]

Por isso, vejo pequeno lucro e muitos perigos na ‘análise’ do discurso poético. Vejo pequeno lucro, não só porque não apreende e não transmite o fenómeno poético como fenómeno construtivo, mas porque tende a desintegrá-lo e individualizá-lo em casos. De resto, querer saber se os acessos de expressão sadomasoquista que perpassam pela “Ode Marítima” são fugas pulsionais, ou então elementos trabalhados numa série de motivos técnicos adotados pela estética futurista, não é mais que um mexerico. Quem fala é o discurso, não o poeta, e se o discurso não transcende a expressão dum caso, se não se torna saber oculto, então não passa dum desabafo sem interesse humano geral.



Pimenta, Alberto (1995). “O enamorado”. In *A magia que tira os pecados do mundo*. Lisboa: Edições Cotovia, p. 105. [Seleção de João Pedro Aido]

Qual é a sua definição de uma revista de qualidade?

Revista, s.f. Ato ou efeito de revistar, inspeção minuciosa, exame cuidado. || A formatura ou disposição de pessoal ou material para efeito de inspeção. || Revista de saúde, de material, de reservistas, de víveres, etc. || Notícia, relato, descrição. || Peça musicada com grupos de comédia, danças e variedades na qual geralmente se reproduzem, acompanhando-os de facécias críticas, os factos sucedidos durante o ano precedente ou ano corrente. || Designação de certas publicações periódicas, geralmente científicas, políticas, literárias, artísticas ou religiosas, em que são divulgados artigos originais, quase sempre especializados, de crítica ou análise de determinados assuntos. || ...

Passa revista cuidadosamente a todos os números atrasados da Revista Palavras - por causa das notícias, dos relatos, das descrições, dos artigos originais e especializados, da crítica e análise aos problemas de pedagogia e didática, de estudos linguísticos e de estudos literários, por causa das referências, nestas páginas, a outras páginas, reais e virtuais, que, mais tarde ou mais cedo, lhe vão fazer falta.

Peça já os números em falta.

Por telefone: (+351)213.861.766
Por correio eletrónico: aprofport@app.pt

Números esgotados: os editores podem enviar uma cópia em suporte digital ou em suporte de papel (preço da cópia + portes de correio)

Números disponíveis: 19, 20, 26, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39-40, 42-43, 44-45, 46-47, 48-49, 50-51, 52-53, 54-55
Preço: 8,50€ em Portugal - 15,00 € na Europa
30,00€ no resto do mundo